

Adolescência e surdez: vivências e expectativas de mães ouvintes e de filhos surdos

Adolescence and deafness: experiences and expectations of hearing mothers and deaf children

Adolescentes e sordera: experiencias e expectativas de madres oyentes e los niños sordos

*Jaqueline Jerseli Campache**
*Maria Cecília Marconi Pinheiro Lima**
*Maria de Fátima Campos Françoço**

Resumo

Introdução: A fase da adolescência é um marco na vida do indivíduo, pois é o momento em que muitas mudanças ocorrem. Nesta fase acontecem as transformações físicas tais como o desenvolvimento dos caracteres sexuais, modificações corpóreas e de estatura e transformações psicológicas, dentre outros. Surgem fatores e questões que repercutem no adolescente e na sua família, além da busca pela identidade e a maturidade e o final dessa fase é uma época em que várias decisões começam a ser tomadas para a vida futura. **Objetivo:** Compreender as vivências de mães ouvintes e de filhos surdos na adolescência, assim como as mudanças enfrentadas pela família nesta fase. **Método:** Para coletar os dados da pesquisa, utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturado, que foi aplicado com 5 mães e 5 filhos adolescentes surdos que frequentam uma instituição pública de reabilitação. **Resultado:** Os resultados mostraram que o adolescente surdo tem comportamentos semelhantes a adolescentes ouvintes, de busca da afirmação de identidade, enfatizando, no entanto, a identidade surda. As mães referiram mudanças de interesses e comportamentos nos filhos e ressaltaram a preocupação com o futuro deles, destacando-se a profissão de intérprete de LIBRAS como possibilidade de escolha, principalmente pela habilidade comunicativa

* Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, SP, Brasil

Contribuição dos autores:

JJC, MCMPL, MFCF – método e planejamento da pesquisa, coleta e análise de dados, revisão crítica e revisão final do manuscrito.

E-mail para correspondência: Maria Cecília Marconi Pinheiro Lima ceclima@fcm.unicamp.br

Recebido: 03/08/2018

Aprovado: 17/06/2019

dos adolescentes. Estes, porém, apresentaram escolhas diferentes em relação ao futuro profissional. Em termos da comunicação, os adolescentes mencionaram facilidade em inserir a LIBRAS na vida cotidiana, diferindo das mães, que relataram dificuldades em razão das constantes variações da língua. **Conclusão:** Os adolescentes parecem ter uma boa adaptação em relação à surdez, à convivência familiar e social.

Palavras-chave: Adolescente; Surdez; Mães; Escolha da Profissão.

Abstract

Introduction: The phase of the adolescence is a landmark in the life of a person; therefore, it is the time where many changes occur. In this phase, physical transformations happen such as the development of the sexual characters, corporal and stature modifications and psychological transformations, amongst others. Factors and questions appear that re-echo in the adolescent and in his/her family, beyond the search for identity and maturity and the end of this phase is a time where some decisions start being taken for the future life. **Objective:** To understand the living experience of hearing mothers and their deaf teenagers examining the changes faced during adolescence. **Methods:** The research had a qualitative approach and semi structured interviews were conducted with five mothers and their deaf teenager sons and daughters. They all attend a public rehabilitation service. **Results:** The results showed that deaf teenagers have similar behavior as the hearing ones. They search for their identity, emphasizing deaf identity. The mothers mentioned changes in their interests and the acquisition of typical teenager behaviors. They showed concern about their teenagers' future, highlighting that they could study to be Sign Language interpreters, mainly because of their communicative ability in sign language. The teenagers, however, indicated different options related to their future professions. **Conclusion:** The teenagers seem to have a good adaptation related to the deafness, social and family living.

Keywords: Adolescents; Deafness; Mothers; Career Choice.

Resumen

Introducción: La adolescencia es una señal en la vida del individuo, es el momento donde ocurren muchos cambios. En esta fase tales suceden las transformaciones físicas como el desarrollo de los caracteres sexuales, modificaciones corporales y de la estatura y de transformaciones psicológicas. Los factores y las preguntas aparecen ese re-eco en el adolescente y en su familia, más allá de la búsqueda para la identidad y la madurez y del final de esta fase es una época donde algunas decisiones comienzan a ser tomadas para la vida futura. **Objetivo:** Entender las experiencias de madres oyentes e los niños sordos en la adolescencia y tan bien como los cambios hechos frente en esta fase. **Métodos:** Fue utilizada entrevista semi structuralized aplicada con 5 madres y 5 niños adolescentes sordos que frecuentan una institución pública. **Resultados:** La persona sorda joven tiene comportamientos similares a los oyentes, de la búsqueda de la afirmación de la identidad, acentuando, la identidad sorda. Las madres se relacionan con los cambios de intereses y de comportamientos en los niños y tenían preocupación con el futuro de ellos, siendo distinguidas él profesión del intérprete de Lenguaje de Signos como posibilidad escogida, principalmente por la capacidad del comunicativa de los jóvenes. Éstos habían presentado diversas opciones en lo referente al futuro profesional. **Conclusión:** Los adolescentes se parecen tener una buena adaptación referente a la sordera, al convivencia familiar y social.

Palabras claves: Adolescentes; Sordera; Madres; Selección de Profesión.

Introdução

Entre os distúrbios da comunicação, a surdez retrata graves consequências ao desenvolvimento global do ser humano¹, visto que a audição desempenha papel fundamental na aquisição e no desenvolvimento da linguagem oral. Sendo assim, a perda auditiva pode ser considerada um fator biológico importante como causador de atrasos significativos no desenvolvimento infantil, na área da comunicação².

Para além das especificidades relacionadas à utilização de uma língua, é necessário primeiramente garantir que o surdo tenha condições de se apropriar da mesma³. Considerando que a maioria das crianças surdas nasce em famílias ouvintes, a interação é mais difícil na relação entre eles, pois, geralmente, esses pais fazem uso da língua oral o que é inacessível ao surdo, dificultando o processo de aquisição da linguagem, assim como outros processos do desenvolvimento humano. A criança surda, filha de pais ouvintes, frequentemente não tem a oportunidade de acessar a linguagem em sua forma - significado, sentido e interpretação - pois todas as experiências circundantes são ditas ou realizadas em uma língua não acessível⁴.

As implicações do relacionamento da família com a criança surda são importantes em termos de seu impacto na autoestima e afetividade desse indivíduo, repercutindo também em suas relações na adolescência e ingresso da vida adulta⁵. A fase da adolescência é um marco na vida do indivíduo, pois é o momento em que muitas mudanças ocorrem. Nesta fase acontecem as transformações físicas tais como o desenvolvimento dos caracteres sexuais, modificações corpóreas, de estatura, transformações psicológicas como expressividade, comportamento, adaptação social, dentre outros⁶. Surgem fatores e questões que não repercutem só no adolescente, mas também em sua família; além da busca pela identidade e a maturidade, o final dessa fase é uma época em que várias decisões começam a ser tomadas para a vida futura⁶.

Tanto para as crianças como para os adolescentes, a surdez sinaliza um fator importante no desenvolvimento do sujeito. Considerar a adolescência no contexto da surdez implica a compreensão de que a surdez apresenta um fator de diferenciação nesse processo⁷. Se é difícil para todo adolescente aceitar as mudanças corporais típicas da puberdade, no caso do adolescente surdo, a tarefa pode ser mais

árdua, pois ele também tem que lidar com a falta de audição ou da dificuldade de falar⁷, visto que um dos grandes problemas da surdez é a dificuldade do indivíduo em adquirir a linguagem oral⁸. Por outro lado, sabe-se também da dificuldade de muitos pais em aprender a Língua Brasileira de Sinais. Para Lorenzini (2004)⁹, a comunicação deficitária das famílias ouvintes com os surdos está relacionada com a não aceitação da surdez e com a dificuldade de aprender a Libras. Para o autor, muitos pais não reconhecem a importância da LIBRAS na comunicação com seus filhos.

A adolescência pode, portanto, trazer modificações na dinâmica do relacionamento do grupo familiar, face às mudanças que ocorrem nesta fase da vida. Neste sentido pode-se perguntar: como fica a questão da adolescência dos surdos? Como eles e suas mães enfrentam essa fase de transição? Que mudanças acontecem em seu cotidiano? Para responder estas questões, o objetivo do presente estudo foi compreender as vivências de mães ouvintes e de filhos surdos na fase da adolescência, buscando-se conhecer as mudanças na família enfrentadas nesta fase, assim como as expectativas quanto ao futuro profissional dos adolescentes.

Método

Trata-se de uma pesquisa descritiva, de natureza qualitativa. A amostra foi constituída por 10 participantes - 5 mães de adolescentes surdos e seus respectivos filhos- que frequentam os atendimentos em reabilitação no Centro de Estudos e Pesquisa em Reabilitação “Prof^o Dr. Gabriel O.S. Porto” (CEPRE) vinculado à Faculdade de Ciências Médicas - UNICAMP. A adolescência foi definida com base no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que considera adolescência a faixa etária dos 12 até os 18 anos de idade completos¹⁰.

Foram incluídos na pesquisa adolescentes com deficiência auditiva exclusivamente, sem outras deficiências ou síndromes relacionadas, entre 12 e 18 anos, usuários do programa Escolaridade e Surdez do CEPRE, morador da cidade de Campinas e região, que frequentavam escola regular no período oposto à sua permanência no Cepre, cujos pais eram ouvintes. Foram excluídos adolescentes surdos com outras deficiências, que não frequentavam escola regular ou com pais surdos.

Os participantes foram abordados na sala de recepção da instituição enquanto aguardavam os

atendimentos. Após aceitarem o convite para participarem da pesquisa, as mães dos participantes assinavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, correspondente à sua participação e à autorização da participação de seu filho; o participante adolescente por sua vez, assinava o Termo de Assentimento.

Os participantes foram identificados pela letra M (caracterizados para as mães como M1, M2, M3, M4 e M5) e A (para os adolescentes), seguido de números A1, A2 A3, A4 e A5.

A coleta dos dados foi realizada no período de outubro de 2015 a abril de 2016 após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas, sob o Parecer nº 1.266.997/2015 em 07 de outubro de 2015. A pesquisa foi conduzida conforme a Resolução do Conselho Nacional de Saúde 466-2012- Ministério da Saúde, que estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

O procedimento para coleta de dados constituiu, primeiramente, por meio da consulta aos prontuários dos adolescentes surdos para conhecimento do diagnóstico da surdez, conforme o critério de inclusão da pesquisa. Posteriormente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas guiadas por meio de dois roteiros: um para as mães e outro para os adolescentes, sendo realizadas separadamente, de maneira a que cada um pudesse ficar à vontade para responder.

Para testagem dos instrumentos foram realizadas duas entrevistas iniciais com os participantes, seguida de suas transcrições a fim de validar as questões em relação ao que se pretendia investigar. A entrevista teve como base questões relacionadas às possíveis mudanças perceptíveis pelas

mães, assim como pelos próprios jovens frente à adolescência. Foram levantadas questões sobre comportamentos dos jovens, atividades cotidianas e interesses e expectativas em relação ao futuro profissional destes jovens.

As entrevistas foram gravadas e transcritas por uma das pesquisadoras, que tendo o domínio da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), não necessitou do auxílio de um intérprete durante a realização das entrevistas. As respostas aos itens contidos na ficha de identificação foram registradas pela entrevistadora, assim como expressões faciais e palavras-chaves relatadas pelos participantes durante a entrevista. As respostas às questões abertas foram videogravadas com o consentimento dos entrevistados. Utilizou-se a LIBRAS somente com os adolescentes, representada em caixa alta na Seção resultados

Os dados foram analisados com base na técnica de análise temática, segundo Bardin¹¹, que consiste em leituras cuidadosas do conteúdo das entrevistas, identificação de categorias a partir das hipóteses e objetivos do trabalho e então, explorado o material para análise. Neste estudo, as respostas das entrevistas puderam ser classificadas em três categorias: 1- Comunicação entre mães e filhos, 2- Mudanças na adolescência e 3- Expectativas em relação ao futuro.

Resultados e discussão

Os dados relativos ao perfil dos participantes serão apresentados a seguir:

Quadro 1. Caracterização dos participantes quanto à idade dos filhos, estado civil da mãe, escolaridade da mãe e do filho, ocupação da mãe e do filho e constelação familiar.

Participantes	Constelação Familiar/filhos	Estado civil M/A	Escolaridade** M/A	Ocupação M/A	Idade dos Jovens
M1/A1	1	Casada/ Solteira	Sem escolaridade / E.F.C.	Dona de casa / Estudante	12 anos
M2/A2	1	Casada / Solteiro	E.F.C./ E.F.	Dona de casa / Estudante	12 anos
M3/A3	3	Casada / Solteira	E. F.I. / E. F.C.	Dona de casa / Estudante	12 anos
M4/A4	4	Casada / Solteiro	Sem escolaridade / E. F.C.	Dona de casa / Estudante	13 anos
M5/A5	2	Casada / Solteira	E. F. I. / E.F.C.	Dona de casa / Estudante	14 anos

*M1, M2, M3, M4 e M5: Mães; *A1, A2, A3, A4 e A5: Adolescentes surdos; **EFI: ensino fundamental incompleto, EF: ensino fundamental completo.

As mães participantes do estudo eram casadas, moravam em municípios do estado de São Paulo, sem atividade profissional, com um a 4 filhos. Os adolescentes eram estudantes do ensino fundamental, a maioria frequentava o sexto ano escolar.

O diagnóstico da surdez ocorreu entre o período de 18 e 24 meses de idade.

Todos os adolescentes entrevistados possuíam domínio da LIBRAS para a comunicação, entretanto em razão dos diferentes tipos e graus de perda auditiva, muitos deles também utilizavam a linguagem oral para se comunicar. A maioria dos adolescentes tem como forma de reabilitação auditiva o aparelho de amplificação sonora individual (AASI), sendo somente um adolescente usuário de implante coclear (IC).

1 - Comunicação entre mães e filhos

Em se tratando da família que tem um integrante surdo, a ausência de uma língua comum constitui o principal desafio no relacionamento familiar, visto que a criança surda que nasce em um meio ouvinte enfrenta, desde o nascimento, uma rede de construções identificatórias, prefiguradas pelas expectativas de seus pais, que esperavam que ela também fosse ouvinte¹².

Na análise sobre o que as mães vivenciaram a respeito da comunicação com seus filhos surdos, algumas referiram que não houve dificuldade na comunicação, isto é, não notaram problemas na eficácia da comunicação relacionada ao grau da perda auditiva.

A mãe 1, por exemplo, reconhece as dificuldades enfrentadas pelo indivíduo surdo quando comparadas àquelas enfrentadas pelo sujeito ouvinte, porém não refere dificuldade frente à comunicação. Observam-se os esforços das mães em buscar a efetividade da linguagem com seus filhos por meio da língua de sinais e, assim, inseri-la no cotidiano:

“Ah! A gente conversa muito bem. Aprendi Libras, tudo para ajudá-la a conversar melhor com a gente. Mas ela não gosta não, viu? Ela prefere falar igual todo mundo (...) Ela não tem uma perda total da audição, mas não é igual todo mundo (...) Às vezes eu insisto, lá em casa, em falar fazendo os sinais, mas aí a G. fica brava e me chama atenção: ‘mãe, a senhora não precisa fazer sinal, dá pra gente conversar muito bem do nosso jeito, normal’ (Risada). Aí eu respeito, né? Fazer o quê?” (M1)

Neste depoimento, a deficiência auditiva parece não interferir efetivamente na linguagem dos envolvidos. Além disso, observa-se a necessidade de equiparar o sujeito surdo com o meio ouvinte, a busca da adolescente em inserir-se ativamente em seu meio, ao usar a comunicação oralizada semelhante ao ouvinte. Outra participante declara:

“Ela não é completamente surda, ela fala bem, apesar de muita coisa ainda precisa ser melhorado e, com o aparelho, ela teve um ganho muito grande (...) É totalmente oralizada. Na minha família todo mundo fala com ela, a gente se entende. Ela só fala em Libras com os colegas, aqui na instituição, mas do mais nunca precisamos da Língua de Sinais, só pela oralização mesmo.” (M2)

Considera-se o grau da perda auditiva como contribuinte para o desenvolvimento de uma comunicação mais próxima do ouvinte, sendo auxiliado por meio da prótese auditiva. A família é ativa na comunicação oral, não tendo dificuldades na relação com a adolescente.

Para a mãe 4, é importante a orientação frente as dificuldades advindas da surdez e as mudanças que impactam no cotidiano da família. Neste caso, observam-se os problemas da mãe em descrever o dia-a-dia para a filha, de forma esclarecedora e inseri-la no ambiente ao seu redor.

“Agora a gente entende ela, ela entende a gente. Mas no começo foi difícil, eu chorava muito porque eu não entendia ela, ficava desesperada, queria falar com ela e não conseguia. Foi aí que eu conheci a M. aqui, e ela deu umas instruções pra gente, como conversar com a J., mostrar o som, todo tipo de barulho (...) Tudo que ela mandava a gente fazia. Aí foi indo e conseguimos nos comunicar com ela melhor, ela foi conseguindo interagir melhor com a gente também (...) Mas sabe é uma luta todos os dias, porque, assim, a gente vai aprendendo todo dia com eles também, porque os sinais mudam muito, é muito complicado e ela só fala com a língua de sinais.” (M4)

A língua de sinais, assim como as demais línguas, também sofre variações e há a necessidade de aprimorá-la constantemente¹³. O relato da mãe 4, nos mostra que se não houvesse o aprendizado da Libras o diálogo não aconteceria.

Observa-se também que em relação aos casos das participantes M1 e M2, o grau da perda

auditiva interferiu na adoção de outro método de comunicação.

Os adolescentes por sua vez, ao serem questionados sobre os métodos de comunicação utilizados por eles com seus familiares e amigos, mostram diferentes preferências comunicativas, mas a busca em se inserir ao meio ouvinte aparece em várias respostas:

“Ah, eu prefiro conversar. Não gosto muito de sinais pra conversar. Minha mãe que fica brava porque eu não quero conversar com ela em sinais, mas eu não gosto mesmo, eu gosto de falar igual todo mundo. Eu falo bem.” (A1)

Para a adolescente 3, a comunicação se dá preferencialmente por meio da Libras e nota-se a facilidade e conforto da adolescente em comunicar-se através desta língua, principalmente porque refere sua maior socialização com sujeitos semelhantes a ela.

“LIBRAS. EU GOSTO. MEUS AMIGOS SURDOS SÃO MEUS MELHORES AMIGOS. EU CONVERSO MUITO COM ELES, É FÁCIL ENTENDER (...) NÃO É DIFÍCIL APRENDER. EU SEI. MINHA MÃE TAMBÉM SABE, MEU PAI SABE TAMBÉM. CONVERSO COM ELES EM LIBRAS.” (A3)

Outro participante explica:

“SOU SURDO TOTAL. CONVERSO COM MINHA FAMÍLIA E AMIGOS COM LIBRAS, ENTENDO POUCO DE FALA.” (A4)

A escolha pela forma de comunicação vai depender das condições auditivas em que o sujeito se encontra, isto é, o grau da sua perda auditiva e sua habilidade comunicativa no decorrer do seu desenvolvimento. Entretanto, no discorrer dos relatos foi possível observar que todos os participantes têm acesso e domínio da Libras, mas diante das condições auditivas somente alguns puderam optar por uma segunda habilidade comunicativa, a oralização.

2 - Mudanças na adolescência

A adolescência é definida como o período situado entre a infância e a vida adulta. Inicia-se com os primeiros indícios físicos da maturidade sexual e termina com a realização social da situação

de adulto independente¹⁴. Em nossa sociedade, a adolescência tornou-se um campo temporal de transformações nas relações de socialização devido à transição entre a infância e o mundo adulto. Esse período convida o adolescente a elaborar seu projeto de vida, através do qual possa construir novos significados acerca de si e do mundo. Os sentimentos frente à confirmação de uma surdez podem influenciar pais e mães a superproteger o filho surdo, impedindo-o de participar de atividades próprias desta fase, pois acreditam que, mesmo adolescente, a surdez torna-o frágil, fazendo com que o adolescente sintam-se reprimido por não possuir as mesmas liberdades de outros jovens, privado de demonstrar suas capacidades, inseguro e dependente¹⁵.

Considerando-se tais ideias, foram levantadas as questões referentes a esta fase relacionando as vivências das mães frente à adolescência do filho, bem como a percepção do próprio adolescente em relação a esta fase. Um olhar atento dos depoimentos das mães permite destacar que todas identificaram mudanças nos interesses e atitudes de seus filhos na adolescência. Referem mudanças nas preferências das vestimentas e calçados, de comportamento, de assuntos das conversas e, principalmente, o uso constante de aparelhos eletrônicos acessíveis às redes sociais.

A mãe 2 relatou:

“Agora ela tá na fase de escolher roupas de moças, outros tipos de calçados, quer ir pra casa das amigas, já parou de brincar de boneca tem uns 2 ou 3 anos, agora só quer saber de celular” (M2)

A curiosidade das novas descobertas durante a adolescência é comumente observada nos jovens atuais, que encontram na internet um espaço ilimitado, e tudo portátil, através de um computador ou um telefone celular¹⁶. A constância do uso dos dispositivos eletrônicos também foi verificado em outro estudo, em que 44% dos jovens relataram utilizar o dispositivo móvel sete vezes por semana¹⁷. Neste caso, os aparelhos eletrônicos permitem aos jovens uma exposição contínua às redes sociais facilitando o tempo ilimitado da exposição¹⁷. Essa assiduidade pode ser favorecida pela alta capacidade de armazenagem de informações¹⁸.

Outros relatos reafirmam as mudanças visíveis e esperadas na fase da adolescência, tais como mudanças de interesses e mudanças hormonais:

“(...) Acho que essa fase só aumenta a vontade de querer as coisas e não saber se controlar. Agora que ela tá passando pela fase da TPM, ela fica um pouco mais agitada. Mas já falei também, se acalma que todo mundo passa por isso, não adianta ficar nervosa (...)” (M1)

Acerca do desenvolvimento físico, alguns autores¹⁹, ao realizarem uma revisão sobre a adolescência, confirmaram que o amadurecimento sexual ocorre com o desenvolvimento das características sexuais primárias (consideradas importantes para a reprodução – fatores físicos e hormonais) e secundárias (fatores de diferenciações sexuais de gêneros) de forma que as alterações físicas ocorrem com rapidez durante esta fase e frequentemente é perceptível pelos familiares dos adolescentes. Sobre o comportamento dos filhos, a mãe 4 observa um questionamento sobre regras e posicionamento de liderança por parte do adolescente entre seus familiares:

“Ele tá mais questionador, agora se sente o homem da casa. A gente fala uma coisa, ele vai lá e responde, tudo pra ele é ‘não’, agora (...) Tá nas teimosias achando que é o rei lá de casa.” (M4)

A adolescência possui características específicas, levando a um maior questionamento do filho adolescente com relação às regras, valores e crenças familiares²⁰. Para a mãe 3, no entanto, a filha vivencia a adolescência de forma mais infantilizada, afirmando que ela ainda possui preferências infantis e não se comporta como a maioria dos adolescentes nesta fase. Neste caso, a expectativa da mãe não encontra correspondência no comportamento da adolescente:

“J. tem doze anos, mas é muito menina ainda, ela não pensa em facebook, whatsapp, ela não pensa em redes sociais como as adolescentes de hoje (...) Ela não vive esse universo. Ela é muito diferente das outras meninas que já ficam paquerando, ela já não pensa nisso.” (M3)

Ao questionar-se essa fase da vida do adolescente em relação à surdez, as mães pontuaram não haver dificuldade, pois os filhos têm clareza da situação, não se sentem vitimados pela perda

auditiva. No entanto, contraditoriamente, há também relatos em que adolescentes surdos acabam isolando-se em suas casas ou optam por passar mais tempo na escola, por terem com quem conversar (amigos surdos), pois muitas vezes a família não tem domínio da Língua de Sinais e pouco se comunica com seus filhos. Tal fato não foi identificado nos relatos das mães.

Parece haver uma boa adaptação dos adolescentes em relação à surdez e à convivência familiar, socializam e vivenciam a fase como um jovem que busca a sua independência.

Os relatos a seguir podem ser ilustrativos disso:

“Ah fia, a nossa relação é boa. Não tenho o que reclamar, não. Como eu disse, a G. é muito carinhosa comigo, é mais com o pai que ela fica mais nervosinha. E com os demais é normal, ela faz amizade com todo mundo e todo mundo gosta dela.” (M1)

“Assim, ela é bem resolvida, não vê a surdez como problema e nem pra gente.” (M2)

A adolescência é uma fase de vida marcada por transições, pela construção da identidade, redefinição de atitudes e valores, busca da autonomia e independência, de alterações, de desinteresses e motivações²¹.

Quanto aos adolescentes, quando questionados sobre as possíveis mudanças decorrentes dessa fase, a maioria refere não perceber mudanças. Os relatos a seguir, feitos pelos adolescentes em LIBRAS, estão citados em caixa alta:

A1 “NADA. ACHO QUE NÃO TENHO NADA PRA FALAR SOBRE ISSO”.

Assim como ele, os jovens A3 e A4 também mencionam não perceber mudanças e referem que são as mães quem pontuam transformações neles.

A4 (Faz sinal com a cabeça de negação e faz LIBRAS): NÃO PERCEBI NADA. TÁ TUDO IGUAL”

A3 (Expressa sorriso, faz sinal em LIBRAS de negação): “NADA. SOU MOCINHA, MINHA MÃE FALOU UMAS COISAS. NÃO SEI FALAR, CONTINUO JOGANDO, ESCOLA, CUIDANDO DOS MEUS BICHINHOS NO TABLET.”

Filipini, Prado et al (2013)²² explicam acerca das modificações físicas e psíquicas que ocorrem neste período, isto é, a família é citada como a

principal fonte de informação tanto por meninas (42%) quanto por meninos (20%) nesta fase.

Somente uma adolescente menciona mudanças típicas da puberdade:

“NÃO GOSTO MAIS DE BRINCAR DE BONECA. AGORA O QUE EU FAÇO É MEXER NO WAT-SAPP MESMO. (Risadas) ÀS VEZES VOU PRO SHOPPING, MAS SÓ ÀS VEZES, NÃO SOU DE SAIR.” (A2)

Nesse caso, a brincadeira passa a ser substituída pelo passeio e pelo acesso a redes sociais. É visível como esta fase é marcada pela valorização em adotar novos papéis sociais e pelo contato com os pares, com outros jovens. O lazer exemplifica um dos fatores socioculturais influentes para o jovem, sendo esta atividade a função de descanso, divertimento e promoção da satisfação pessoal, livre das obrigações primárias junto à família e escola²³.

Para os adolescentes entrevistados a conectividade com os aparelhos telefônicos foi evidente, cuja função remete ao lazer típico de adolescentes na atualidade. Não se pode generalizar os conflitos e as particularidades da adolescência, nem as suas repercussões a ponto de traçar um perfil único e característico de todos os adolescentes. As diferenças individuais também estão presentes, bem como a influência dos diversos fatores socioculturais. Nesse sentido, a questão da surdez foi assim verbalizada pelos participantes:

A3 (Expressa um sorriso, reflete a pergunta e sinaliza em LIBRAS): *“É LEGAL. TEM MENINAS E MENINOS IGUAL EU. CONVERSO MUITO MENINAS AQUI (na instituição), NA ESCOLA NÃO MUITO.”*

“Normal. Eu consigo conversar bem, falo com todo mundo. E aí eu tenho o aparelho que me ajuda muito, o FN na escola que faz eu entender o que a professora fala, então, não tem problema.” (A1)

A4 (Sinaliza em LIBRAS): *SOU DIFERENTE. É LEGAL. TEM MENINOS QUEREM SER IGUAL EU, NÃO SÃO. EU SOU DIFERENTE, FALO DIFERENTE. MAS É NORMAL.”*

Destaca-se na fala do participante A4, o referir ser diferente. Isso não parece incomodá-lo, ao contrário, parece sentir-se como privilegiado, uma vez que muitos demonstram o desejo de ser como ele. Não se vê como o único na sociedade, o

contato com outros adolescentes e adultos surdos permite que ele se sinta como parte integrante de uma sociedade, sem se sentir prejudicado pela surdez. Outra participante relata:

“Ah, assim, não é legal porque aí tudo pra ouvir preciso do aparelho, então, não dá pra ficar sem. Tirando isso, não é ruim né? (Risada) Porque antes ligavam a tv e eu não ouvia, aí tive que ir no médico e colocar o aparelho.” (A2)

Vemos que a adolescente busca atenuar a surdez com o uso do aparelho auditivo que a aproxima do ouvinte, mesmo limitando-a de ouvir ‘como todo mundo’.

3 - Expectativas em relação ao futuro

Desde muito cedo o adolescente deve optar por uma profissão, uma escolha que lhe parece definitiva. Isto, muitas vezes, tem que ser decidido sem que o jovem nem mesmo tenha formado sua identidade²⁴.

São muitos os fatores que influenciam na escolha de uma profissão, desde características pessoais a convicções políticas e religiosas, valores, crenças, contexto socioeconômico, família e pares. A família é apontada pela literatura como um dos principais aspectos que podem tanto ajudar quanto dificultar o jovem no momento da decisão profissional²⁵, pois de alguma maneira, os pais introduzem em seus discursos seus próprios desejos sobre os projetos de seus filhos, sem nem mesmo perceberem o que estão fazendo²⁶.

Questionou-se as mães sobre as expectativas em relação ao futuro dos filhos e, em seus depoimentos, elas mencionaram expectativas pelo estudo e a carreira profissional:

“Eu espero que ela tenha condições melhores. Arrume um trabalho e depois faça uma faculdade como intérprete de libras. Eu falo pra ela: seja professora, você é muito inteligente.” (M1)

“Gostaria muito que ela fizesse uma faculdade, trabalhasse, tivesse o próprio dinheirinho dela né, ser independente. Futuramente tivesse a família dela (...) Acho que Libras também seria a cara dela, não sei.” (M3)

“Meu sonho é ver ele numa faculdade. Ele tá indo muito bem em Libras e quem sabe não segue essa área. Eu torço que até lá não tenha esse preconceito do surdo. Sei lá, o mundo tem hora que é maldoso

né, e a gente sente medo deles não ter oportunidade igual os outros. Mas eu espero que até lá isso mude e ele tenha o lugarzinho dele.” (M4)

Observa-se nos relatos que as mães apresentam expectativas semelhantes diante da profissão de seus filhos, sendo a maioria marcada pela preocupação da inserção dos adolescentes no mercado de trabalho, bem como a sua independência diante das dificuldades da deficiência auditiva. Há preocupação pelo espaço do filho na sociedade, as expectativas pelo estudo e a carreira profissional, esta última referida pela maioria das participantes na escolha pelo intérprete de Libras em razão da habilidade comunicativa do filho.

É importante salientar a preocupação das mães frente às dificuldades enfrentadas em razão da surdez para o desenvolvimento futuro dos adolescentes, sendo que almejam pela inclusão social dos filhos a fim de possibilitar a estabilidade pessoal, profissional e afetiva. Os relatos apresentados confirmam o que alguns estudos apontam sobre a preocupação da família com a independência funcional, com a educação e com o trabalho de seus descendentes²⁴. O trabalho passou a ser considerado como condição social fundamental, o que tem influenciado diretamente no processo da escolha profissional que se inicia na adolescência. Nesse período, surgem fatores e questões que não repercutem somente no adolescente, mas também em sua família.

O ambiente familiar pode constituir fonte de segurança e motivação diante das muitas novidades que os adolescentes encaram²⁷. A escolha da profissão é uma das decisões mais sérias da vida de uma pessoa, pois ela determina, de certo modo, o destino do indivíduo, bem como seu estilo de vida, a educação e até o tipo de pessoas com quem irá conviver no trabalho e na sociedade. Desta forma, aos serem questionados sobre suas expectativas em relação ao futuro, os adolescentes apresentaram

diferentes perspectivas quanto à escolha profissional, que diferem daquelas verbalizadas pelas mães:

“Então, quero trabalhar e estudar. Mas primeiro estudar, quero ser professora e depois trabalhar num lugar legal e ajudar minha mãe.” (A1)

A3 (Reflete a pergunta e sinaliza em LIBRAS): *“NÃO SEI. GOSTO DE BICHOS. VETERINÁRIA EU IMAGINO (expressa sorriso) TRABALHAR*

COM TECIDOS IGUAL TEATRO ASSISTI COM MEU PAI. É LINDO!”

A4 (Sinaliza em LIBRAS): *JOGADOR DE FUTEBOL. NÃO SEI (..) JOGADOR É LEGAL.*

As perspectivas profissionais dos adolescentes ainda se encontram indefinidas, típicas da fase, visto que a adolescência é uma etapa do processo de desenvolvimento humano na qual a confusão de papéis e as dificuldades para estabelecer uma identidade própria são marcantes.

Em outro relato, a escolha da jovem recai na carreira musical:

“Falei pra minha mãe que eu queria ser cantora. Adoro Anitta, Mc Ludmila, Tati Zaqui, Biel (...) mas é muito difícil, porque, tipo assim, tem que gravar um vídeo e postar no YouTube, sabe? Ai as pessoas vão ouvindo mais as músicas que gostou, então, não sei. Queria ser igual a Anitta e cantar igual ela (Risadas).” (A2)

A música, na compreensão nativa, está relacionada com a vida. É um instrumento valioso de conhecimento. Ela pode assumir diversos papéis na vida de um indivíduo, desde a quebra da monotonia até a forma de “refúgio”²⁸ e para o adolescente, isto não é diferente.

No depoimento da participante A2 destaca-se um ponto relevante: a deficiência auditiva e a escolha em ser um profissional da voz. Como se sabe, o principal meio de comunicação entre as pessoas é através da fala e a audição torna-se determinante para o desenvolvimento vocal, que acompanha o indivíduo por toda a vida. No entanto, alguns fatores podem acarretar prejuízo na sua produção, e dentre eles estão as perdas de audição. Pode-se dizer que a surdez acarretará um impedimento para o desenvolvimento da fala, pois restringe o indivíduo na recepção auditiva e reduz a habilidade do falante de monitorar sua própria fala²⁹.

Para este adolescente a audição não é totalmente ineficiente, isto é, o grau de sua perda auditiva é moderadamente severo, apresentando, assim, restos auditivos que permitiram a ele se comunicar oralmente. Entretanto, sua produção vocal pode ser distorcida, característico da deficiência auditiva.

A principal tarefa da adolescência é a resolução da crise da identidade, devendo-se estabelecer uma ligação entre o passado – “o que eu era como criança” – e o futuro – “o que serei como adulto” –,

podendo o adolescente assim projetar planos coerentes para a vida adulta³⁰. No desenvolvimento da identidade ocupacional ocorre a análise do contexto sociocultural, das instituições, das organizações existentes, das tecnologias disponíveis etc., relacionando-se às oportunidades que os adolescentes podem vivenciar, significando quando, onde e como será a profissão escolhida. O adolescente está, portanto, na etapa da exploração, em busca de respostas à escolha profissional e da definição de seus projetos de vida.³¹

Em suma, observa-se que os adolescentes não sofreram grandes influências de suas mães, pelo contrário, estão procurando sua própria identidade profissional.

Considerações finais

Os adolescentes relataram comportamentos de busca de afirmação de identidade típicos da fase da adolescência, mas, valorizando nesse contexto, a identidade surda.

As mães identificaram mudanças nos interesses e atitudes de seus filhos também como típicos desta fase da vida. Ressaltam preocupação com o futuro deles, destacando-se a profissão de intérprete de LIBRAS como uma possibilidade para seus filhos, principalmente, pela habilidade comunicativa dos jovens. Estes, porém, apresentaram escolhas diferentes em relação ao futuro profissional, as quais ainda são incertas em razão das constantes mudanças que podem ocorrer na fase da adolescência.

Em termos da comunicação, os adolescentes mencionaram facilidade em inserir a LIBRAS na vida cotidiana, diferindo das mães, que relataram dificuldades em razão das constantes variações da língua.

Os adolescentes parecem ter uma boa adaptação em relação à surdez, à convivência familiar e inserção social.

Possíveis limites em relação aos resultados desta pesquisa referem-se à singularidade do grupo de adolescentes surdos pesquisados, isto é, todos com um perfil sócio econômico e educacional bastante próximo. Uma continuidade da investigação com adolescentes surdos de outros segmentos socioeconômico e cultural poderia ampliar e aprofundar o escopo dos resultados. Por outro lado, um aspecto bastante positivo da pesquisa referiu-se ao domínio da LIBRAS pela pesquisadora de forma a

coletar dos dados diretamente com aqueles jovens surdos não oralizados.

Agradecimentos

Agradecemos ao PIBIC/CNPq pelo financiamento da pesquisa. Ao CEPRE pelo apoio e disposição do local para a realização deste trabalho. Agradecemos também aos participantes que aceitaram participar e contribuíram para realização da pesquisa.

Referências bibliográficas

1. SILVA ABP, ZANOLLI L, PEREIRA MCC. Surdez: relato de mães frente ao diagnóstico. *Estud. psicol.* 2008; 13(2): 175-83.
2. SANTOS MFC, LIMA MCMP, ROSSI TRF. Surdez: Diagnóstico Audiológico. In: SILVA IR, KAUCHAKJE S, GESUELI ZM (org). *Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades*. Plexus Editora, São Paulo. 2003, p.17-40.
3. LOPES MAC, LEITE LP. Concepções de surdez: a visão do surdo que se comunica em língua de sinais. *Rev. bras. educ. espec.[online]*. 2011; 17(2): 305-20. [acesso em 22/10/2016]. Disponível em: ISSN 1413- 6538. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382011000200009>.
4. GESUELI ZM. Língua(gem) e identidade: a surdez em questão. *Educ.Soc.* 2006; 7(94): 277-92.
5. SANTOS VCA, CLAUDIO DP. Estudo de um caso de surdez: Aspectos envolvidos na formação da identidade do indivíduo surdo. *Rev PsicoFAE*. 2012;1(1): 89-99.
6. SEGEREN L, FRANCOZO MFC. As vivências de mães de jovens autistas. *Psicol. estud.* 2014;19(1): 39-46.
7. BREMM ES, BISOL CA. Sinalizando a adolescência: narrativas de adolescentes surdos. *Psicol. cienc. prof.* 2008; 28(2): 272-87.
8. LIMA MCMP, FREDERICO M. A comunicação de adolescentes e adultos surdos de acordo com relato da família. In: FRANÇA DMVR, BAGAROLLO MF (org). *Surdez a importância do diagnóstico para o desenvolvimento do surdo*. Wak Editor, Porto Alegre. 2013, p. 91-117.
9. LORENZINI NMP. Aquisição de um conceito científico por alunos surdos de classes regulares do Ensino Fundamental. 2004. Dissertação (mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
10. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. 13ª Edição. Edições Câmara. (Atualização 2015). Brasília.2015. Disponível:http://www.bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/.../estatuto_crianc_a_adolescente_13ed.pdf?...27 [acesso em 24/05/2017].
11. BARDIN L. *Análise de conteúdo*. (70ª ed.) Lisboa, 1997.
12. SILVA ABP, ZANOLLI L, PEREIRA MCC. Surdez: relato de mães frente ao diagnóstico. *Estud. psicol.* 2008; 13(2): 175-83.



13. CASTRO JRG. A variação linguística em Língua Brasileira e Sinais- foco no léxico. Universidade Nacional de Brasília, 2011 (dissertação de mestrado) [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8859/1/2011_GlaciodeCastroJúnior .pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8859/1/2011_GlaciodeCastroJúnior.pdf) acesso em 11 de junho 2019.
14. FERREIRA M, NELAS P. Adolescências...adolescentes. Revista de ISPV, Educação, Ciência e Tecnologia. 2006; 32: 141-62.
15. NEUBER LMB, VALLE TGM, PALAMIN MEG. O Adolescente e a Deficiência Auditiva: As Relações Familiares Retratadas no Teste do Desenho em Cores da Família. Rev bras. crescimento desenvolv. hum. 2008; 18(3): 321-38.
16. EISENSTEIN E. Desenvolvimento da sexualidade da geração digital. Rev Adolescência e Saúde. 2013; 1(1): 61-71.
17. SANTANA,PDF; MASCARENHAS WN, BORGES LL, CAMARANO MRH. Hábitos de jovens usuários de dispositivos eletrônicos individuais e sintomas advindos da exposição à música em forte intensidade. Rev Estudos, Vida e Saúde. 2015; 42(3): 315-26.
18. MELO T. Perfil audiológico de jovens usuários de dispositivos de escuta pessoal. Rev Distúrbios da Comunicação. 2014; 26(2): 337-47.
19. MOREIRA T, VIANA D, QUEIROZ M, JORGE M. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. Rev Escola de Enfermagem USP. 2008; 42(2): 312-20.
20. ABERASTURY A, KNOBEL M. Adolescência normal: um enfoque psicanalítico. Trad. S. M. G. Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
21. CARVALHO ENS. O adolescente com deficiência múltipla. In: Brasil. Ministério da Educação. Secretária de Educação Especial. Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental: deficiência múltipla. Brasília. 2000, 82-111. [acesso em 21/01/2017]. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/def_multipla_2.pdf
22. FILIPINI CB, PRADO MO, FELIPE AOB, TERRA FS. Transformações físicas e psíquicas: um olhar do adolescente. Adolesc. Saúde. 2013; 10(1): 22-9.
23. FORMIGANS, BONATO TN, SARRIERA JC. Escalas das atividades de hábitos de lazer em jovens: modelagem de equação estrutural em diferentes contextos brasileiros. Temas Psicol. Ribeirão Preto. 2011; 19(2), 405-15. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000200005&lng=pt.
24. ALMEIDA MEGG, PINHO LV. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. Rev Psicologia Clínica. 2008; 20(2): 173-84.
25. SANTOS LMM. O papel da família e dos pares na escolha profissional. Psicologia em Estudo. 2005; 10(1): 57-66.
26. PINTO HR, SOARES MC. Approches de l'influence des parents sur le développement vocationnel des adolescents. L'orientation scolaire et professionnelle. 2004; 33(1): 07-24.
27. FARIA RR, WEBER LND, TON CT. O estresse entre vestibulandos e suas relações com a família e a escolha profissional. Psicologia Argumento. 2012; 30(68): 43-52.
28. MAHEIRIE K. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. Psicologia em Estudo. 2003; 8(2): 147-53. [acesso em: 14/04/2017]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a15>.
29. CAVADAS M, PEREIRA L, BEHLAU M. Disfonia infantil e processamento auditivo central. In: Valle MGM. Voz: diversos enfoques em fonoaudiologia. Rio de Janeiro: Revinter; 2002, 99-109.
30. ALMEIDA MEGG, PINHO LV. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. Rev Psicologia Clínica. 2008; 20(2): 173-84.
31. SARRIERA JC, SILVA MA, KABBAS CP, LOPES VB. Formação da identidade ocupacional em adolescentes. Estudos de Psicologia. 2001; 6(1): 27-32.